

Apresentação e Objetivos: A Oficina Linguagens da Cidadania (OLC) se desenvolve através do vínculo entre Universidade e saúde pública. A parceria entre o Projeto de Extensão da UFRGS e a USF Vila Viçosa - cidade de Porto Alegre, busca construir um espaço semanal de exercício da cidadania. A partir do pedido da USF para que a oficina, que já ocorria em outro serviço acontecesse no território, tendo como conceito chave a promoção de saúde, formou-se um grupo com crianças e adolescentes da região, quase todos estudantes da Escola Estadual de EF Tereza Noronha, com a participação de bolsistas universitários e agentes comunitários de saúde (ACS). O projeto que integra pesquisa e extensão vem sendo realizado nesta mesma comunidade há dois anos e meio, sendo conhecido por moradores. No grupo praticam-se atividades lúdicas que envolvem jogos, brincadeiras, fotografias e realização de materiais gráficos que trabalham questões de cidadania, ocupação e apropriação do espaço público, além do próprio gerenciamento da grupalidade e das relações pessoais, do qual surgem as mais diversas demandas e construções. Esta proposta consiste no próprio trabalho da cidadania compreendendo-se que não é algo que se possui, é algo que se exerce.

Busca-se nesta ação e estudo, analisar como se produzem acolhimento, fortalecimento de vínculos, participação, autonomia, convivência e responsabilização, elementos fundamentais para a perspectiva da integralidade em saúde (SUS) e o exercício da cidadania. Considerando que a Política Nacional de Saúde dispõe acerca da importância dos grupos para a atenção integral dos cidadãos tem-se como objetivos: acrescentar conhecimentos teórico-práticos para a atuação de profissionais da rede de saúde, potencializar a construção de tecnologias de si e processos de cognição inventiva a partir de dispositivos grupais com crianças e adolescentes.

Metodologia: A intervenção funciona através do dispositivo “oficina”, semanalmente. Os assuntos são trabalhados da forma mais horizontal possível a fim de possibilitar a livre expressão, a autonomia e a criatividade, levando em consideração temas e interesses trazidos pelas crianças considerando este espaço em uma dimensão política que produz novos modos de subjetivação na relação com o território da moradia e a cidade.

A extensão exige que o grupo estude e aprenda novas formas de intervir, acrescentando conhecimentos para os *oficineiros* e *oficinandos*. Torna-se extremamente necessário que o acontecer grupal seja registrado e debatido em reuniões. Desdobra-se a intervenção em pesquisa, através de diários de campo dos bolsistas, análise e discussões em grupo. Utiliza-se a produção de cartografias que não visa ser uma descrição nem uma análise total do acontecer grupal, mas ser detentora de elementos de processualidade do território em questão - que precisa ser habitado, vivido.

O método cartográfico permite uma conexão entre teoria e prática, reflexão e ação e pesquisa e extensão. Uma vez que, ao mesmo tempo em que estamos aplicando conhecimentos, estamos criando novos conhecimentos a partir das relações que vão se dar durante a oficina. Não existe uma distância entre os que ensinam e os que aprendem, já que existe uma troca de saberes entre agente comunitários, crianças e estudantes que permite com que novos conhecimentos e relações surjam para todas as partes. Isso faz com que fique claro a indissociabilidade entre extensão e pesquisa, tendo em vista que elas fazem parte de um mesmo processo.

As produções são compartilhadas pelo grupo de extensão, que conta também com a participação de bolsistas de pesquisa nas reuniões que ocorrem semanalmente, para colocar as instituições em análise, a fim de privilegiar a dimensão coletiva da experiência e organizar os próximos encontros da oficina. Apesar disso, manter uma abertura para o surgimento de novas idéias é de grande importância, tendo em vista a imprevisibilidade do acontecer grupal.

A OLC não tem espaço físico fixo: é itinerante. O local de referência e de encontro é a Unidade de Saúde, de onde partem *oficineiros* e *oficinantes* visando explorar o território e

apropriar-se dos espaços públicos, como já disse uma das crianças participantes: “cidadão oficinário da cidadania”. Há uma associação de moradores e uma praça na região, que não são muito frequentados pela comunidade – e pelas crianças; ocupamos esses lugares com o objetivo de afirmar nossa posição de que a cidade deve ser acessível a todos e que todos devem senti-la assim e contribuir para que isso possa ocorrer. Com a ajuda das crianças e das diferentes tecnologias utilizadas durante as oficinas é possível conhecer um novo território.

Processo avaliativo: mesmo que a metodologia traga consigo o caráter processual, estando em constante análise, realiza-se ao final de cada semestre um encontro, com a participação de todos, para avaliação do trabalho e combinações para o período seguinte. Depreende-se que as diferentes linguagens utilizadas acrescentam conhecimento a todos os participantes a partir do encontro de diferentes trajetórias de vida. Com a ocupação dos espaços públicos pelo grupo, os moradores da Lomba estabelecem uma outra relação com o território que habitam. Território repleto de desigualdades, problemas, qualidades, vida, saúde.

Durante a rotina grupal e dos trabalhos há uma constante avaliação que pode ser medida a partir da reação do coletivo e de cada participante em relação ao que é proposto, ao rumo da oficina e aos acontecimentos em geral: como recebem o que levamos e o que produzem com isto/a partir disto. Cabe à equipe de extensão/pesquisa manter-se aberta e atenta às falas, atos e movimentos do grupo – o que constará nos diários de campo. Com certa frequência formávamos rodas de conversa ao final dos encontros, mas, devido à dinâmica específica desse grupo, que não mostra muita afinidade com essa configuração “roda de conversa”, ficam por vezes esvaziadas e silenciosas. Dessa forma, procuramos criar outros recursos e espaços para que o processo possa ser avaliado por todos que dele participam. Durante as oficinas surgem várias sugestões, elogios e críticas, muitas vezes difusos, no meio de conversas casuais ou repentinamente (não em momentos especialmente destinados a isso, como rodas de conversa ao final da manhã, por exemplo). Escutamos atentamente e trabalhamos com este material depois, observando o contexto em que aparecem e sempre buscando levar em conta o caráter processual do coletivo.